

Vladimir Duarte Dias

GENEALOGIA DA LIBERDADE



Introdução

A maioria das religiões, e a filosofia, abordam o tema da liberdade. Das muitas questões sobre o tema sobressaem, como possíveis, as seguintes colocações : seria a liberdade uma condição natural do homem, como indivíduo, mesmo dentro do contexto social? Ou seria a liberdade uma meta a ser arquitetada e conquistada passo a passo? Ou ainda uma combinação da liberdade desde a sua condição congênita, uma espécie de liberdade em potência, que na medida que aumenta o conhecimento passa a atuar ao nível da razão ?

A distância entre as hipóteses encerra uma multiplicidade de situações.

A liberdade individual, por si só, contém pelo menos duas variáveis: a do homem frente a ele mesmo, desde o mais puro e simples naturalismo, passando ao pensamento complexo de sua personalidade e suas virtudes, e a do homem em contraste com suas deficiências e inclinações negativas, onde se inclui a escravidão. Entre tantos tipos de escravidão que o homem inflige a si mesmo, está a dependência aos vícios, às paixões, a ganância, a cobiça e o orgulho. Na outra ponta, ainda que de certa forma atrelado ao que se disse das qualidades individuais negativas, está o homem inserido no contexto social, onde, pelo menos em princípio válido, a liberdade individual termina ou se estende, até os limites da fronteira das desejáveis e semelhantes liberdades dos demais integrantes da sociedade.

A liberdade está ligada ao seu oposto, os mais variados tipos de escravidão e servidão. Na medida que a conquista da liberdade avança sobre determinada área, o engenho humano, que manipula os interesses de outros segmentos, aperfeiçoa a forma de substituir o processo que mantém as pessoas dependentes de um sistema, para outro mais disfarçado, mais sutil, que nem por isso, pelo menos em tese, deixa de ser perverso e contrário aos mais legítimos desejos de desfrutar da liberdade.

A caminhada que vamos empreender estará mais centrada no tema da liberdade individual, inserida no contexto social. A liberdade da pessoa para com ela mesma, mais próxima do lema da Academia que, na Grécia antiga, berço da filosofia da razão, tinha sob o pórtico de entrada a famosa frase: "conhece-te a ti mesmo", frente à sua libertação dos aspectos negativos da personalidade será, quem sabe num futuro, tema de outro texto.

Este livro abordará o tema das liberdades e das mais variadas formas de dependência, no confronto dos presumíveis interesses individuais ou da coletividade, ainda que possam ser alegadas como legítimas nas relações de diversos grupos sociais dentro de um território, de um país, ou entre nações. Alguns desses alegados direitos estão legitimados por leis. Leis que nem sempre representam a necessária justiça. Em muitos casos, estas leis têm origem na força de determinados grupos que assumem o poder e impõem suas vontades. Neste livro, as colocações deverão abordar os interesses, idéias, programas e realidades dos segmentos econômicos e político-sociais, nas questões que envolvem doutrinas que contam com argumentos que, se supõem, deveriam estar voltados para legitimar a mais ampla liberdade do indivíduo ou grupo social.

A caminhada que vamos empreender utiliza várias histórias que vão, aos poucos, evidenciando variadas facetas da liberdade. Serão para o leitor como as partes de um quadro que vai formando uma paisagem mais complexa.

Embora seja possível perceber a preferência para identificar os limites de alguns horizontes da liberdade, como consequência de determinadas situações, o texto procura evidenciar a possível origem da liberdade e como esse sentimento existe e atua nas pessoas, quer como indivíduos, quer como pessoas reunidas sob determinado contexto social.

O tema da liberdade nos leva a desejar maiores e mais amplos horizontes. Portanto o conteúdo do texto não pretende que a linha de pensamento seja determinante para o leitor. Ao contrário, a intenção é permitir o melhor uso da liberdade, examinando diversos aspectos de variadas situações que são formadoras de algum tipo de “escravidão”, ou processos caudatários compulsórios, ou outros sistemas e métodos que impedem, ou limitam, a maior e melhor utilização das potencialidades que a liberdade possa permitir às pessoas.

Capítulo UM

Liberdade do ponto de vista desde os Mitos, até os Pré-Socráticos.

Na Grécia antiga, os mitos representavam, através de histórias fantásticas, os atos da criação, a origem do universo, a situação do homem, culminando com as narrativas do final dos tempos. As lendas escatológicas revelam que, em algum momento, voltará a felicidade perdida desde o começo dos tempos. Isto coincide com as narrativas da tradição judaico-cristã contida no Gênesis, que culminam no Apocalipse de São João, quando o homem retorna à sua condição de felicidade na Nova Jerusalém; eis uma outra maneira de designar o Paraíso, quando dos atos da criação. Aspecto semelhante se encontra em outras religiões. Ensinam que a felicidade pode ser encontrada depois da morte, isto é, depois de se ter vencido as forças da natureza. Simbolicamente, temos aí a representação dos sofrimentos decorrentes da luta pela vida, depois dos quais se estará conquistando o possível retorno ao paraíso. O escritor e pensador inglês John Milton escreveu uma das peças literárias mais famosas de todos os tempos, "O Paraíso Perdido", onde narra a saga humana desde a expulsão do paraíso, suas lutas e vicissitudes aqui na terra.

As histórias sobre a origem do universo e o fim dos tempos falam da natureza e, em muitos casos, de como a humanidade, simbolizada por algum tipo de personagem – Adão e Eva, por exemplo – sofre para enfrentar os desafios e os perigos para se tornar um herói, um vitorioso. Em diversos mitos sobre a vida humana vemos a influência das forças da natureza agindo sobre o homem e as mais diversas formas das suas venturas e desventuras. Nos confrontos com a natureza, com forças misteriosas ou figuras fantásticas, muitas vezes aparecendo a figura da liberdade ou da escravidão.

De maneira resumida, pode-se dizer que os mitos representam uma atitude intelectual diante das forças da natureza, quando estas adquirem uma personificação. Analisando os mitos por outro prisma, pode-se dizer que nas histórias das lendas, os elementos naturais ficam impregnados de vontade e de personalidade própria. Neste contexto, pode-se destacar a dualidade existente entre, primeiro, as fraquezas dos seres humanos, às vezes motivadas pelas paixões, ou por um desejo ou ambição que resulta, simbolicamente, em alguma forma de escravidão; em segundo lugar, a impotência humana para enfrentar as forças da nature-

za ou o poder de determinadas pessoas e grupos num certo contexto social. Nas lendas, algumas lutas se dão justamente no enfrentamento do poder ou na ultrapassagem das barreiras, das limitações impostas por estes poderes. Ainda não aparecem, ou aparecem disfarçadas, nestas narrativas, as diversas formas de poder dos governos monárquicos ou ditatoriais, que representam a força do poder em detrimento do direito, da justiça. Neste aspecto, as lendas vão desembocar, mais adiante, no conteúdo da filosofia e das religiões no que estas dizem a respeito ao inexorável destino humano. As idéias filosóficas e religiosas, desde o sec. VI a. C., nos falam da fixação do destino e da incapacidade humana de escapar das forças de uma conjuntura que o indivíduo, sozinho, tem uma mínima capacidade de enfrentar. Aparece assim, além do destino traçado pelos astros ou pelos deuses, a figura de uma outra forma de escravidão ligada à natureza. Incluído nesta natureza, está o próprio indivíduo, lutando contra suas fraquezas, suas deficiências, suas paixões, seus vícios, e, de outra parte, contra seu semelhante, como adversário, tentando subjugar a vida e a liberdade de outras pessoas em benefício próprio.

Voltando ao tema das influências externas sobre diversas civilizações, como na Mesopotâmia ou na Grécia, pelo menos na antigüidade, reconheciam que a vida das pessoas dependia completamente da vontade dos deuses. Os estudos de astronomia dos persas indicam uma estreita correlação do comportamento dos astros com a vida humana. Consta que uma das mais prováveis origens do que se conhece como zodíaco tem origem nessa região. Noutro segmento da história destacam-se as relações humanas com os deuses. O "panteon" dos deuses gregos e romanos contém muitas lendas que relatam o relacionamento dos humanos com os deuses. O homem estava sujeito aos caprichos divinos, que tanto podiam ser benéficos como podiam tomar a forma de violentos castigos. O homem, representando a humanidade no contexto das lendas, não era considerado livre. Relatos indicam que o homem estava condicionado às vontades dos deuses ou ao destino traçado pelos astros.

O mito de Prometeu, nas versões de Hesíodo ou de Ésquilo, contam que Zeus, irritado porque Prometeu roubou o fogo para dar aos humanos, condenou-o a ficar na ponta de um penhasco aonde, todos os dias, uma águia vinha comer seu fígado que era reconstituído durante a noite. Prometeu foi salvo dessa tortura por Hércules. Em resumo, essa lenda indica que mesmo o deus menor, no caso Prometeu, simbolizando um arquétipo, não tinha ampla liberdade e foi condenado porque infringiu, ultrapassou os limites fixados por Zeus, como deus-maior e, por consequência do seu ato, os humanos passaram a dispor da liberdade do uso de fogo, com seus múltiplos significados.